

Percursos formativos da Museologia na Amazônia paraense

Formative pathways of Museology in the paraense Amazon

Carmen Lucia Souza da Silva*

Resumo: Com o objetivo de celebrar os 90 anos da formação em Museologia no Brasil, o artigo apresenta, com ênfase no contexto da Amazônia paraense, percursos formativos que contribuíram para o campo dos estudos da Museologia no país, iniciando no século XIX. Traça esta trajetória por meio de discursividades e de práticas constitutivas de um ideal de museu e de sua importância, envolto em ações de ensino e pesquisa, ainda na sociedade brasileira oitocentista. Prossegue visitando alguns marcos que iriam, no final da primeira década do século XXI, resultar na criação do primeiro curso de bacharelado em Museologia do Norte do país, vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), em meio à expansão das instituições de ensino superior brasileiras e à inserção de uma política nacional de valorização da cultura e do patrimônio. Conclui-se demonstrando caminhos atuais trilhados pela formação em Museologia na região.

Palavras-chave: Museologia. Museu. Ensino. Formação em Museologia. Amazônia Paraense.

Abstract: With the objective of celebrating 90 years of instruction in Museology in Brazil, the article presents, with emphasis on the context of the Amazon of Pará, formative paths that contributed to the field of Museology studies in the country, starting in the 19th century. It traces this trajectory through discursivities and practices that constitute an ideal of a museum and its importance, wrapped in teaching and research actions, still in the 19th century Brazilian society. It goes on to visit the some landmarks that would, at the end of the first decade of the 21st century, result in the creation of the first course of Bachelor's Degree in Museology in the North of the country, linked to the Universidade Federal do Pará (UFPA), amid the expansion of Brazilian higher education institutions and the insertion of a national policy to value culture and heritage. It concludes by demonstrating current paths taken by the Museology degree in the region.

Key-words: Museology. Museum. Teaching. Museology degree. Paraense Amazon.

Introdução

Tratar sobre o estudo da Museologia brasileira, no contexto da Amazônia paraense, é, em princípio, trilhar por caminhos de perspectivas plurais. Algumas delas envoltas por contornos cunhados em processos que têm entre suas origens a expansão dos museus do século XIX. Outras que remontam aos desafios das práticas em museus neste território. Mas que, na atualidade, remetem a enfoques interdisciplinares, diálogos entre ensino e pesquisa, problemáticas associadas a questões culturais, históricas e políticas, entre outras, as quais atingem o pensamento museológico a partir de quem vive ou aprende com a região.

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos (RS). Professora do curso de bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: carmensilva@ufpa.br.

Portanto, com o intento de contribuir com a reflexão em torno dos 90 anos da formação em Museologia no Brasil, neste trabalho pontuamos alguns marcos para os estudos museológicos na Amazônia paraense, e recapitulamos elementos importantes que estão inseridos no processo de constituição deste campo de conhecimento no país. Nesta trilha, convidamos a percorrer os fascinantes caminhos entre discursividades e práticas constitutivas de um ideal de museu e de sua importância, ainda no Brasil oitocentista, para, depois, acompanhar olhares que vão se transformando até a criação, no final da primeira década do século XXI, do primeiro curso de bacharelado em Museologia do Norte do país, vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), em meio à expansão das instituições de ensino superior brasileiras e à inserção de uma política nacional de valorização da cultura e do patrimônio.

Percurso, neste trabalho, desenvolvido como reflexão metodológica baseada em uma proposta preliminar de genealogia, “pacientemente documentária”, não em busca de uma origem, mas no intuito de “deter-se na meticulosidade e nos acasos dos começos”, escavar profundezas, “saber reconhecer acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas que dão conta dos começos, dos atavismos e das hereditariedades” para “fazer aparecer” algumas “descontinuidades que nos atravessam” (FOUCAULT, 2008, p. 260-279). Através da enunciação em documentos, alcançar pontos de partida que embasam os argumentos pela existência dos museus e pela formação em Museologia, com impactos na pesquisa, na Amazônia paraense. Nesta trajetória, sinalizaremos alguns marcos, partindo de antecedentes à institucionalização do ensino superior público em Museologia na região, em busca menos de uma narrativa sequencial de fatos, e mais de, a partir desta mobilização no presente, destacar “acontecimentos” do passado que nos remetem ao futuro que hoje se delinea.

1. O museu, a educação e a pesquisa

O marco inicial que situamos é o ano de 1866, quando a recém-constituída Associação Filomática concebeu a criação de um museu de história natural em Belém do Pará. Já no estatuto de fundação da associação, conforme relata Sanjad (2010, p. 54), constava que a “instrução pública deveria ser a missão do museu, definido como um ‘estabelecimento para instrução popular’”, enfatizando que, “além da mostra de produtos naturais e objetos indígenas, o museu deveria ‘instituir lições’ de geografia,

hidrografia, etnografia, história do Brasil e do Pará, e ‘preleções sobre a história natural’”.

No ano seguinte, 1867, é fundado o então denominado Museu Paraense - mais tarde batizado como Emílio Goeldi como trataremos mais adiante -, instalado em 1871 juntamente com a Biblioteca Pública, segundo o relatório apresentado pelo diretor da instituição em 1883, Domingos Soares Ferreira Penna, ao presidente da província do Pará à época, Barão de Maracaju¹. Desde seus primeiros tempos, a criação do museu motivava discursos políticos que destacavam sua importância como um ambiente para educação e pesquisa, como defendia o presidente da então província do Pará, Joaquim Raymundo de Lamare, em seu relatório à Assembleia Legislativa Provincial², em 1867, ao lembrar das “vantagens que à instrução e às ciências devem trazer o estabelecimento de um museu”, e reconhecer a “incontestável utilidade desta instituição de tão alto interesse para a civilização de que é o primeiro símbolo em uma cidade”.

O discurso civilizatório e simbólico que atravessava a gênese do Museu Paraense o inscreve em uma tendência mundial que se desenvolve ao longo do século XIX. Gob e Drouget (2014, p. 35) relatam que, nesta época, inicialmente na Europa depois em outros continentes, houve um “verdadeiro frenesi de criação de novos museus”, seguindo o modelo do Museu do Louvre, em Paris na França, cuja criação em 1793, logo após a revolução francesa de 1789, se confunde com a própria história dos museus modernos. Sob esta tendência oitocentista de expansão dos museus, segundo Gob e Drouget (2014, p. 35-38), estas instituições podiam neste período ser diferenciadas em três categorias: os de arte, os de história e os de “ciências naturais ou muséums”. Nesta última categoria, na qual estão os que expõem, por exemplo, “espécies da natureza, fósseis, rochas”, se inscreviam também “aqueles que apresentam plantas e animais vivos”, como os jardins botânicos e zoológicos. Contemporâneo a outras instituições criadas na mesma época - como o *American Museum of Natural History*, fundado em 1871 em Nova York, Estados Unidos -, o Museu Paraense conciliaria estes perfis da terceira categoria, e outros, mas depois de se estruturar.

¹ PARÁ. Província do Pará. *Fala* com que o general barão de Maracajú abriu a 2ª sessão da 23ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Pará em 15 de fevereiro de 1883. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

² PARÁ. Província do Pará. *Relatório* apresentado à Assembleia Legislativa Provincial pelo vice-almirante e conselheiro de guerra Joaquim Raymundo de Lamare, presidente da Província, em 15 de agosto de 1867. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

Mesmo que em seus primeiros anos tenha funcionado precariamente em uma “varanda do pavimento inferior do Liceu Paraense, lugar úmido e sombrio muito impróprio para conservação”, o Museu Paraense seguia seu curso para, como enfatizou outro presidente da província do Pará, Abel Graça, se firmar através da bandeira da educação como “estabelecimento mais importante, que mais poderosa influência tem de exercer para o desenvolvimento das ciências nesta província”. Em seu relatório à Assembleia Legislativa Provincial de 1871³, Abel Graça destaca que o Museu Paraense era “o primeiro núcleo de um estabelecimento de ensino superior” onde, no Pará, se abrigariam “os estudos da ciência da natureza”. Para isso, de início, ainda de acordo com Abel Graça, o regulamento da instituição, que no ano seguinte acaba sendo instituído pela lei nº 713 de 12 de abril de 1872, estabelecia “as bases do futuro desenvolvimento dos estudos superiores quando determinou que em cada semana um dos membros do respectivo conselho administrativo desse uma lição pública em leitura sobre o ramo de ciências”.

Essa perspectiva, adiada por falta de estrutura e de organização interna, é acenada como possível com a chegada do naturalista suíço Emílio Augusto Goeldi em 1894, contratado para dirigir o museu, e que tinha como auxiliares “especialistas formados em Universidades da Europa e da América do Norte”, conforme destaca em 1897 o relatório da gestão do então governador do Pará, Lauro Sodré, escrito pelo diretor de seção da secretaria do estado, Albuquerque de Mendonça⁴. Na tentativa de organizar a instituição, diz o documento, são criadas através do decreto governamental de 2 de julho de 1894, logo no mesmo ano da chegada do naturalista, quatro seções científicas: “zoologia e ciências anexas; botânica e ramos anexas; geologia, paleontologia e mineralogia; etnografia, arqueologia e antropologia”. Com esta organização, a instituição se firmaria na tendência que se difundiu em todo mundo, inclusive no Brasil, entre os anos 1870 e 1930, de museus “caracterizados pelas pretensões enciclopédicas” (JULIÃO, 2006, p. 19-20).

Consolidação que prossegue com o remanejamento do museu para terreno mais amplo. Por apelo do próprio Emílio Goeldi, o governador Lauro Sodré adquire uma chácara, informa o mesmo relatório deste gestor, onde se instala o museu. Sedimenta-se ainda, portanto, de forma híbrida, na terceira categoria apontada por

³PARÁ. Província do Pará. *Relatório* apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na segunda sessão da 17ª legislatura por. Abel Graça, presidente da Província, em 15 de agosto de 1871. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

⁴ PARÁ. Estado do Pará. *Relatório* da administração do governador Lauro Sodré por Albuquerque de Mendonça, diretor de seção da secretaria do estado. 1 de fevereiro de 1897. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

Gob e Drouget (2014), ao anexar na mesma área o Horto Botânico, “com grande variedade de arvoredos, arbustos, flores”, e um Jardim Zoológico, que possuía “uma jaula com bonita onça de Marajó, espaçosos viveiros com pássaros e várias espécies de outros animais”.

Nestes espaços do horto e do jardim - conforme informa mensagem de Lauro Sodré dirigida ao Congresso do Estado do Pará⁵, também de 1897, que precede o relatório -, havia “sempre um ensino a receber”. Iniciavam àquela época as almejadas “conferências públicas”, sendo a primeira ministrada pelo próprio diretor Emílio Goeldi, as quais eram destinadas a se constituir “cursos populares” voltados para a nascente prática das “visitas escolares”. Para o público em geral, que já naquele final do século XIX era de cerca de mil pessoas por semana, estavam abertas as salas do museu, “onde as coleções cientificamente organizadas” atraíam “os visitantes em massa” para obter “uma útil lição das coisas”⁶. O discurso do governante, destacando o museu como lugar de aprendizado, é expressão por ele defendida, de que “cultivar a ciência e investir na educação do povo eram exigências do progresso, razões da República e deveres de um dirigente ilustrado” (SANJAD, 2010, p. 165). Mas, como ainda destaca Sanjad, este discurso gestor voltado às ciências com “arcabouço ideológico” deve ser considerado com cautela, pois por mais que tenha ensejado o desenvolvimento do museu, não impulsionou ações governamentais semelhantes em outras frentes, como a efetiva institucionalização do ensino superior, por julgar que “não era uma atribuição do Estado”, e por consequência “as escolas superiores do Pará foram fundadas somente no início do século XX”. Contudo, mesmo que “influenciadas pelo pensamento positivista e pelo ideário nacionalista que então atravessava as jovens repúblicas latino-americanas”, Teresa Scheiner (2020, p. 79) destaca que experiências como estas, de cursos, palestras e outras atividades educativas nos museus, naquela época, “podem ser consideradas como iniciativas de compartilhamento de ideias – sobretudo vinculadas à proposta de proteção da memória e do patrimônio”, mesmo que possam estar atreladas a “uma ideologia que valorizava o discurso científico”, em uma reafirmação de um “projeto político nacional”.

Para além das destinações à educação voltada ao público visitante, envoltas nesse contexto político-ideológico, o museu em seu novo local prosseguia no anseio de se tornar um lugar de formação profissional, de estudo e pesquisa. Para isto, já dispunha também de uma biblioteca, igualmente instalada na nova área do museu,

⁵ PARÁ. Estado do Pará. *Mensagem do governador Lauro Sodré ao Congresso do Estado do Pará*. 1 de fevereiro de 1897. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

⁶ Ibid.

que à época já possuía cerca de mil volumes, entre os quais “obras raras e de grande valor para as ciências naturais”, conforme descreve o relatório de 1897. Contudo, na mensagem do mesmo ano, enfatizava-se a necessidade de “remediar um mal antigo”, pois eram “estrangeiras as obras em que se compendiam as melhores informações acerca do nosso país”. Ao constatar que “pela primeira vez tomamos a peito a tarefa de estudar por conta própria a nossa terra, que até agora mandaram institutos estrangeiros estudar para nós”, a mensagem ressalta que a melhor obra de reparação será se do museu “saírem preparados em ciências naturais jovens conterrâneos nossos, que podem ser admitidos a fazer ali cursos científicos e práticos, no caráter de auxiliares em cada uma das seções em que está dividido o Museu”.

A tomada de consciência epistêmica e o desejo de transformação através da educação, presente no discurso político daquele final de período oitocentista, sinalizavam que no percurso inicial de constituição do Museu Paraense também houve um processo de elaboração de um ideário de formação profissional e de ensino (para o) público, que considerasse o estudo da região, baseado na região e com oportunidade de acesso para quem nela vivesse. Vontade de saber que se firma através do conhecimento produzido e das práticas museológicas desenvolvidas no museu, que naquela virada de século passaria a se chamar Emílio Goeldi - por resolução através do decreto nº 933/1901 do então governador do Pará, José Paes de Carvalho⁷. “Monumento de cultura intelectual e belo templo de ciência”, como o próprio Goeldi qualifica o museu, em sua carta demissional enviada em 1907 à administração do então governador do Pará Augusto Montenegro⁸. Por este e por outros monumentos e templos, a Museologia no Pará expande-se, no enlace entre educação e pesquisa, nas décadas seguintes, disposta à valorização do patrimônio da Amazônia.

2. Na trilha da expansão dos museus e da Museologia

A Museologia, na Amazônia paraense, no século XX, expande-se ainda mais entre novos espaços de museus e iniciativas nas áreas de pesquisa e do ensino. Situamos este processo expansivo primeiro nas criações de inúmeros museus. Um deles foi o Museu Comercial, criado por iniciativa da Associação Comercial do Pará em novembro de 1919, e instalado em um “elegante edifício”, cedido por 15 anos, no

⁷ PARÁ. Estado do Pará. *Mensagem* do governador José Paes de Carvalho ao Congresso do Estado do Pará. 1 de fevereiro de 1901. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

⁸ PARÁ. Estado do Pará. *Mensagem* do governador Augusto Montenegro ao Congresso do Estado do Pará. 7 de setembro de 1907. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

parque João Coelho, atualmente Praça da República, em Belém, conforme anunciam as mensagens do então governador Lauro Sodré ao Congresso Legislativo do Pará, em 7 de setembro de 1918 e de 1919⁹. O museu funcionava em conjunto com a Escola de Química Industrial do Pará, também instalada pela Associação, em duas edificações justapostas (BASSALO, 2008, p. 98-99), onde hoje localizam-se o Teatro Waldemar Henrique e a sede do Instituto de Ciências da Arte da UFPA, unidade que 90 anos mais tarde abrigaria o primeiro curso de Museologia do Norte do Brasil, como veremos mais adiante. Neste espaço, dez anos depois, o museu ainda mantinha “uma exposição permanente dos produtos das indústrias locais e das matérias primas oriundas da vasta bacia amazônica, fazendo a propaganda das riquezas regionais, desenvolvendo dia a dia o seu serviço de documentação econômica”, como relata a mensagem¹⁰ apresentada ao Congresso Legislativo, em 2 de setembro de 1929, pelo então governador do estado, Eurico de Freitas Valle.

Podemos situar o Museu Comercial em um momento de transição entre modelos de museu. Mesmo que não fosse propriamente “enciclopédico”, como define Julião (2006), o Museu Comercial de alguma forma também celebrava “a riqueza e exuberância” dos trópicos, através do enfoque comercial e industrial, associado ao ensino voltado a este perfil. Por outro lado, traz em seu discurso fundador certo alinhamento à exaltação regional, mesmo que pelo viés econômico, o que pode se aproximar de outro modelo de museu, observado por Julião (2006, p. 20), que emerge na década de 1920 com a criação do Museu Histórico Nacional, destinado a “formular, através da cultura material, uma representação da nacionalidade”.

No caso da Amazônia paraense, a tendência desenvolve-se em direção a uma representação regional - mesmo que permeada por narrativas nacionais e europeias - que pode ser observada em grande parte dos museus criados a partir da década de 1970. Entre eles podemos citar o Museu da Imagem e do Som (1º de Março de 1971 - ato de criação assinado no Teatro da Paz); Museu da Universidade Federal do Pará (13 de outubro de 1980); Museu do Estado do Pará (criado em 18 de março de 1981 e, em 19 de maio de 2008, denominado Museu Histórico do Estado do Pará - MHEP, após longo período de restauro); Memorial da Cabanagem (7 de janeiro de 1985); Museu do Círio (9 de outubro de 1986); Museu do Marajó (12 de dezembro de 1987).

⁹PARÁ. Estado do Pará. *Mensagens* do governador do estado, Lauro Sodré ao Congresso Legislativo do Estado do Pará. 7 de setembro de 1918 e 1919. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

¹⁰ PARÁ. Estado do Pará. *Mensagem* do governador do estado, Eurico de Freitas Valle, ao Congresso Legislativo do Pará, 2 de setembro de 1929. *Center for Research Libraries - Global Resources Network*.

Nos anos 1990, no âmbito do poder municipal e, também, dentro de uma perspectiva regional a partir da preservação de acervos de arte, o Museu de Arte de Belém¹¹ (MABE) foi instituído em 1991, inicialmente como um departamento da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). No dia 12 de janeiro de 1994, o MABE abriu suas portas ao público durante a reinauguração do Palácio Antônio Lemos, edificação que passou a abrigá-lo. Para o MABE foram levadas as coleções da Pinacoteca Municipal e do Museu da Cidade de Belém (MUBEL). Este último deixaria de existir.

Do governo do Estado do Pará houve ainda outras iniciativas importantes. No final dos anos 1990, foi criado o Projeto Feliz Lusitânia que, envolto em lógicas de colonialidade (MIGNOLO, 2017), compreendeu uma série de intervenções em monumentos do Centro Histórico de Belém. Na sua primeira fase, criou-se o Museu de Arte Sacra de Belém, em 28 de setembro de 1998, antes Palácio Episcopal. Em 1999, o governo criou o Sistema Integrado de Museus e Memoriais, da Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SIMM/SECULT). A segunda fase do projeto compreendeu a desapropriação, restauro e reativação de nove casas anexas à Igreja de Santo Alexandre. Na terceira fase, a intervenção se deu no marco de fundação da cidade, o Forte do Castelo, que passou a ser denominado de Forte do Presépio, além do Palacete das Onze Janelas e seus anexos, no passado, Hospital Militar e, depois, depósito de mantimentos da 8ª Região Militar. No Forte do Presépio foram traçados dois circuitos expositivos. No primeiro, área externa, o “Sítio Histórico da Fundação de Belém”, composto pela própria edificação com seus vestígios arquitetônicos e artilharia militar. O segundo, na área interna, passou a ser denominado de “Museu do Encontro”, tendo como foco a “ocupação da Amazônia, sobre o encontro com os nativos e a conquista e colonização da região, iniciada no século XVII”¹². O Palacete das Onze Janelas, que ficou conhecido como Casa das Onze Janelas, passou a abrigar um espaço dedicado à arte contemporânea.

Entre os anos de 2000 e 2002, mais um prédio de Belém foi adaptado e se tornou museu. O prédio em questão já havia sido convento até 1749, quartel de pólvora, olaria e hospital até o século XIX. Nos anos 1940, abrigou o Presídio São José, funcionando como tal até 1998, quando foi desativado para abrigar o Complexo São José Liberto, atualmente composto pelo Museu de Gemas do Pará, pela Oficina de Joias e pela Casa do Artesão. O Museu das Gemas conta com exposições sobre a

¹¹ BELÉM. Prefeitura de Belém. Museu de Arte de Belém (MABE). Disponível em: <<https://mabe.belem.pa.gov.br/mabe-museu-de-arte-de-belem/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

¹² PARÁ. Governo do Pará. Secretaria de Estado de Cultura. Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM). Disponível em: <<https://museus.pa.gov.br/museus/>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

história da gemologia no Pará, desde períodos que remetem ao século XVIII, e acerca da arte de adornar, os ritos, a confecção de indumentárias dos grupos originários da Amazônia.

À medida que novos museus foram sendo concebidos, inclusive como políticas de estado, imersos, portanto, em discursos institucionais de poder, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, podemos observar, na Amazônia paraense, uma segunda frente expansiva, que estará firmada nas práticas e debates que reiteram a necessidade do campo de estudos em Museologia. A princípio cursos rápidos, oficinas e eventos. Uma importante programação dessa natureza foi o Seminário Internacional sobre Exposições em Museus, em novembro de 1989, promovido pelo Departamento de Museologia do Museu Goeldi, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e pela *Smithsonian Institution Offices of Museums Programs*, dos Estados Unidos. No encontro, que durou cinco dias e reuniu mais de 100 participantes, técnicos brasileiros e norte-americanos, debateram-se vários assuntos, como a ideia de museu, curadoria e pesquisa museológica, além de projetos e planejamento de exposições, programas educativos e conservação. Entre os convidados nacionais, a, então, coordenadora do Sistema Nacional de Museus, Priscilla Freire, e a professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Teresa Scheiner.

Também em 1989, o Museu Goeldi promoveu, no dia 23 de junho, o debate “Museus: os anos 90 estão chegando”. O debate teve a participação dos museólogos Maria Cristina Oliveira Bruno, da Universidade de São Paulo (USP), Viviana Bavestrello da Rocha, do Chile, e do então pesquisador do Museu Goeldi, o arqueólogo, biólogo e antropólogo, Walter Alves Neves. Ocorreu sob os efeitos da recém-promulgada Constituição Federal Brasileira de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã, por ter sido elaborada no período de redemocratização do país, após o fim da Ditadura Militar, a qual assegurou o respeito à diversidade cultural e o direito ao patrimônio cultural material e imaterial, tendo como base a “referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”¹³. Neste contexto, durante a mesa de debate, os participantes analisaram, entre outras temáticas, os possíveis caminhos dos museus enquanto instituição diretamente ligada à vida das comunidades. Essa discussão, que sinaliza um interesse pela aproximação maior com a sociedade, que ultrapassaria os muros do museu, pode ser inserida em outra conjuntura relacionada ao campo museológico, reforçada pela

¹³ BRASIL. Constituição Federal. Art. 216. Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 ago. 2022.

abertura constitucional. Conforme relembra Cury (2014, p. 57), em consequência das “críticas e contestações aos museus que aconteceram desde o advento de Maio de 1968 à constituição da nova museologia e da ecomuseologia e outras vertentes reformadoras da Museologia, da museografia e dos museus”, houve (des)construções de modelos destas instituições, o que gerou “apoio aos avanços da Museologia, posto que as relações entre a disciplina e o museu persistem”.

Nesse processo de (des)construção, emerge a perspectiva que, segundo Teresa Scheiner (2020, p. 88), se firma a partir dos anos 1980, baseada no “reconhecimento do Museu como um fenômeno social de profundo significado educativo”, buscando implementar “programas e ações de capacitação profissional que levam em conta o compartilhamento, seja no formato de redes de pesquisa ou sob a forma de experiências vivenciais integradas”. Compartilhamento que passa pela reafirmação da necessidade da existência de publicações para fazer circular o conhecimento científico, uma constatação que vem desde o século XIX quando foi criado o *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, em 1894, o qual, ao longo de seis fases e superando algumas interrupções, prossegue sendo editado.

Nesse prisma, o encerramento do debate “Museus: os anos 90 estão chegando” foi marcado pelo lançamento da publicação *Ciências em Museus*. A ideia da criação da revista concebida pelo Museu Goeldi foi apresentada em novembro de 1987, durante reunião no Museu de Astronomia e Ciências Afins do Rio de Janeiro (MAST). A proposta resultou na assinatura do Protocolo de Cooperação Tripartite entre o Museu Goeldi, o MAST e a Estação Ciência, então vinculada ao CNPQ. Neste momento, a revista foi anunciada como aquela que iria “preencher uma lacuna no que se refere à bibliografia produzida nesse campo, que é bastante escassa apesar de existir um considerável número de organismos nessa área”¹⁴. No dia do lançamento, em 23 de junho de 1989, a publicação *Ciências em Museus* foi apresentada com o objetivo de “propiciar a expansão e o aprimoramento de técnicas”, as quais “coloquem não só os museus de ciências, como todos os museus, clubes de ciências, bibliotecas especializadas, centros audiovisuais e outras atividades afins ao serviço de ampliar o conhecimento científico-cultural dos mais diversos segmentos da população”¹⁵. O primeiro número do periódico foi em memória do professor da UFPA, Napoleão

¹⁴ CIÊNCIA dos Museus: publicação para divulgar o conhecimento. *Diário do Pará*, ano V, n. 1.743, Caderno D-7. Belém, 29 abr. 1988. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/644781/33849>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

¹⁵ EM DEBATE, Museus e as perspectivas para a década de 90. *Diário do Pará*, ano VI, n. 2.159, Caderno A-12. Belém, 24 jun. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=644781&pagfis=46070>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

Figueiredo (1923-1989), considerado um dos precursores da Museologia no estado do Pará. Este volume trouxe cinco artigos. Um deles, o último escrito pelo professor Napoleão Figueiredo, intitulado *Negros nos Museus da Amazônia*¹⁶, que trata sobre os acervos museológicos existentes nesta região, coleções africana e afro-brasileira. Além dos artigos, o exemplar de lançamento, com tiragem inicial de dois mil exemplares, trouxe o depoimento do italiano Giovanni Gallo, criador do Museu do Marajó. No editorial, o então diretor do Museu Emílio Goeldi, Guilherme de La Penha, afirmou: “Ciências em Museus surge para servir de veículo à transmissão de conhecimentos e experiências que fluem no Museu contemporâneo pela via dorsal que há dois séculos se convencionou chamar de ciência”¹⁷. E o gestor acrescenta: “Museus de Arte, de História Natural, Antropológicos, de Ciência e Tecnologia, Históricos e todos os demais abrangidos pela definição do ICOM (Conselho Internacional de Museus) possuem um eixo comum: são usuários ou retransmissores da ciência e de seus frutos”¹⁸.

O fim da década de 1980, para a Museologia nas áreas de pesquisa e ensino, também foi marcado pela criação dentro da UFPA, no dia 26 de junho de 1989, do Laboratório Arthur Napoleão Figueiredo¹⁹, que se propunha a ser um centro de pesquisa nas áreas em Etnologia, Antropologia, e ainda em Museologia. A iniciativa, vinculada ao então Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), atualmente Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), foi considerada uma conquista após 23 anos de existência do laboratório que, enfim, conseguia ter instalações próprias para a conservação do seu acervo, composto por peças criadas pelos principais grupos humanos da região amazônica.

Na última década do século XX, os bons ventos que sopravam para a Museologia, na Amazônia paraense, encontraram pela frente as barreiras dos desmantelamentos protagonizados pelo então presidente da República, Fernando Collor de Mello. Entre extinções e/ou novas denominações de órgãos de Cultura, Patrimônio e acadêmico-científicos, mas, sobretudo, de cortes de verbas para educação e pesquisa, vários projetos foram sendo adiados. Após mais de cem anos de existência, no dia 18 de maio de 1990, o Museu Goeldi, depois de um corte

¹⁶FIGUEIREDO, Napoleão. O negro nos museus da Amazônia. *Ciência em Museus*, Belém, v. 1, n. 1, p. 7- 30, 1989. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/581>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

¹⁷ CIÊNCIAS em Museus agora em publicação. *Diário do Pará*, ano VI, n. 2.152, Caderno A-11, Belém, 17 jun. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/644781/45853>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ REITORIA da UFPA inaugura laboratório de Etnologia. *O Liberal*, ano XLIII, n. 22.347, Caderno Cidades 5. Belém, 26 jun. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=761036&pagfis=12073>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

orçamentário de 30%, anunciou que corria risco de fechar suas portas. Um cenário que só começou a se modificar para a Museologia paraense no início dos anos 2000, com a constituição da Política Nacional de Museus²⁰ (PNM). Este documento cita o Museu Paraense Emílio Goeldi entre aqueles que se destacam por terem contribuído com a imaginação museal do Brasil. Um processo que se firma sobre a compreensão “de que, mesmo antes do surgimento das universidades e dos institutos públicos de preservação do patrimônio cultural, os museus já exerciam as funções de pesquisa, comunicação patrimonial, formação e capacitação profissional”²¹. Todavia a PNM, para além de reconhecer o pioneirismo da Amazônia paraense para os estudos da Museologia, irá sobretudo permitir que se criasse, no Norte do país, o primeiro curso de Bacharelado em Museologia. Isso se deu, primeiro, devido ao incentivo previsto na PNM à criação de novos cursos no Brasil, a partir de 2003, e que, depois, se concretiza com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, sendo uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) que possibilitou a expansão de novos cursos de graduação no país. No Brasil, até o início do século XXI, só havia dois cursos de formação em Museologia, um no Rio de Janeiro e outro na Bahia, criados respectivamente nos anos de 1932 e 1970.

3. A Museologia à luz de novas políticas

Na UFPA, o Curso de Bacharelado em Museologia começou a ser concebido em 2003, por Comissão Interdisciplinar, constituída através da Portaria nº 1970 de 18 de agosto, para elaborar e desenvolver o Projeto de Criação e Implantação do Curso. Esta primeira comissão foi formada por professores e pesquisadores do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), e de representantes do Conselho Regional de Museologia da 6ª Região e do Museu Emílio Goeldi. O primeiro Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia foi aprovado em 19 de março de 2009 pela Resolução nº 3.844, onde já estava previsto que o curso de Museologia da UFPA seria alocado no Instituto de Ciências da Arte (ICA). Acontecimento que também só foi possível devido à adesão da UFPA/ICA ao Reuni, em outubro de 2007. O Reuni permitiu a expansão dos quadros de docentes e técnicos, a criação de novos

²⁰ BRASIL. Ministério da Cultura. Política Nacional de Museus. Brasília: MINC, 2007. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

²¹ Ibid., p. 14.

cursos de bacharelado e licenciatura, as ampliações de ofertas de vagas, de estrutura física e compra de equipamentos.

Entre os nove novos cursos de graduação criados pelo Reuni na UFPA, em Belém, estava o Curso de Bacharelado em Museologia, aprovado pela Resolução nº 3.843 de 19 de março de 2009. Neste mesmo ano, aconteceu o primeiro Processo Seletivo Especial para Museologia. Ao todo 540 candidatos concorreram as 26 vagas ofertadas em regime integral e intensivo. Logo em 2009, iniciou-se a primeira revisão do Projeto Pedagógico, através de comissão composta por professores e pesquisadores, constituída pelo ICA. Os trabalhos de revisão receberam a consultoria da professora Teresa Scheiner que, no dia 05 de maio de 2010, após reuniões de trabalhos com docentes e discentes, por cerca de dois anos, apresentou parecer, contendo nova proposta de Desenho Curricular, quadro de carga horária e relação de ementas e perfis das disciplinas. Em 2012, quando o curso já tinha se tornado matutino e extensivo, o novo Projeto Pedagógico foi aprovado, por meio da Resolução nº 4.357, de 13 de dezembro. No primeiro artigo da Resolução afirma-se que o objetivo do Curso de Bacharelado em Museologia é²²:

Formar museólogos capacitados para reconhecer e interpretar o fenômeno Museu, nas suas diferentes formas e contextos de manifestação e para atuar no estudo, documentação, conservação, comunicação, divulgação e valorização do patrimônio musealizado e/ou com potencial de musealização – com ênfase nas questões vinculadas à Região Amazônica.

Após mais de uma década de existência do Bacharelado em Museologia no Pará, o curso vem cumprindo sua missão na área de ensino e reiterando o compromisso com a pesquisa na região amazônica, que começou ainda no século XIX. Na área de ensino, as primeiras integralizações de curso ocorreram em 2013. Panorama dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) apresentados até 2019 demonstra um interesse diversificado em várias áreas de atuação do campo museológico, com atenção aos estudos aplicados em museu e ênfase em problemáticas da região, como pode ser visualizado através da nuvem de palavras (Figura 1) criada a partir dos títulos das monografias dos discentes defendidas neste período. Estudos de acervos e coleções, inclusive do Museu Emílio Goeldi, e de patrimônio (material e imaterial) ganham destaque nos trabalhos, que possuem em grande parte abordagem interdisciplinar, ademais sob o eixo teórico, estabelecendo

²² UFPA. Resolução Nº 4.357, de 13 de dezembro de 2012, do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão - CONSEPE. Disponível em: <https://sege.ufpa.br/boletim_interno/consepe/downloads/resolucoes/consepe/2012/4357%20PPC%20Museologia.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

de Belém (CHB), assim como um estudo do potencial para musealização, das novas possibilidades tecnológicas de promoção e preservação do patrimônio, e dos usos socioculturais destes espaços. Por dois anos ininterruptos, as investigações englobaram ações em cinco museus do CHB: Museu de Arte de Belém (MABE), Museu Histórico do Estado do Pará - MHEP (MHEP), Museu de Arte Sacra do Pará (MAS), Museu da Casa das Onze Janelas, e Museu do Encontro, no Forte do Presépio. Ainda foram realizados estudos em espaços de patrimônio do entorno destes museus, como as praças Frei Caetano Brandão, D. Pedro II e Siqueira Campos, também conhecida como Praça do Relógio, o Solar da Beira e o bairro da Cidade Velha. Os estudos realizados no âmbito do projeto resultaram em diversos artigos científicos que compõem um abrangente e integrado olhar museológico, em uma perspectiva interdisciplinar, sobre os museus e os patrimônios da área de fundação da cidade.

Seguindo sua inclinação interdisciplinar, em 2017, o curso de Museologia da UFPA sediou o 3º Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), entre os dias 20 e 24 de novembro, com o tema “Museologia e suas Interfaces Críticas: Museu, Sociedade e os patrimônios”. O evento contou com cinco mesas de discussão sobre: 1) Pesquisa em Museus e Museologia; 2) Museus, Museologia e Patrimônio: questões pós e decoloniais; 3) Museus, Diversidade e Representatividade; 4) Cultura, Arte e memória LGBT nos Museus; e 5) Curadoria, Mediação e Estudo de Público. Além de oficinas, reuniões, roda de conversa e minicurso, no evento ainda houve 15 grupos de trabalho (GT's) onde foram distribuídos 144 comunicações orais e 42 pôsteres científicos com resultados de pesquisas desenvolvidas em todas as regiões do Brasil. A conferência de abertura foi proferida pelo professor João Brigola, da Universidade de Évora. Parte da memória do Sebramus de Belém, entre fotos, vídeos e interações, encontra-se no link <https://www.facebook.com/3Sebramus>.

Esse direcionamento, observado na composição do evento - com diálogos interdisciplinares para, a partir da Museologia, debater problemáticas da sociedade, imersa em relações de poder e resistência, nas quais estão inseridos os museus e os patrimônios -, se prolonga e atinge diversas pesquisas que atualmente estão em desenvolvimento no curso - e ainda em programas de pós-graduação da UFPA aos quais professores de Museologia também estão vinculados, como o PPG de Ciências do Patrimônio Cultural, igualmente de perfil interdisciplinar. Entre os enfoques de pesquisa, com repercussões no ensino e na extensão, estão os voltados para vertentes da Museologia Crítica (ORTEGA, 2011), que percebem a produção de

conhecimento guiada pela consciência social crítica e que provoquem ações transformadoras, considerando a importância da interação com o público, do compartilhamento de ideias e saberes, em especial a partir da participação de grupos historicamente excluídos para que seus patrimônios sejam visibilizados, entre outras questões. Abertura epistemológica que impacta a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso, em andamento, enfatizando, entre outros aspectos, a responsabilidade social, a criticidade, a autonomia e a ética do museólogo frente ao exercício da profissão e diante dos desafios de pesquisa, sobretudo na Amazônia, inclusive diante da Cultura Digital.

Desse cenário abrangente que se percorre até aqui, espera-se, assim, contribuir, sem pretender esgotar a discussão, ainda que na perspectiva da Museologia na Amazônia paraense, com as reflexões que atravessam os 90 anos da formação em Museologia no Brasil. Também reconhecer, sobretudo, que o curso de Museologia da UFPA é resultado de longas trajetórias trilhadas por precursoras e precursores de Norte a Sul do país que, ao longo de décadas, estruturaram os primeiros museus e ajudaram a instituir o ensino e a pesquisa em Museologia no Brasil. Percurso que prossegue e, na atualidade, se vê sob os anseios por estudos em Museologia comprometidos com a superação das desigualdades sociais no país e pela configuração de espaços museológicos e de patrimônio cada vez mais inclusivos, participativos e democráticos.

Referências

BASSALO, Célia Coelho. *Art Nouveau em Belém*. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2008. 162 p.

CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico – Uma perspectiva dentre muitas. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v.III, n. 5, p. 55-73, maio/jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 2ª edição. Coleção Ditos e Escritos. Vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 468 p.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. *La Museologie: histoire, développements, enjeux actuels*. Malakoff: Armand Colin, 2014. 348 p.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: BRASIL. *Caderno de diretrizes museológicas 1*. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, 2ª Edição. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. p. 17-30.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ORTEGA, Nuria Rodríguez. Discursos y narrativas digitales desde la perspectiva de la museología crítica. *Museo y Territorio*, Málaga, n. 4, dez. 2011. p. 14-29.

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SCHEINER, Teresa Cristina. Qualificação profissional para museus: trajetórias, conquistas e provocações. SCHEINER, Teresa C.; GRANATO, Marcus (Org.). *Museus e museologia na América Latina: compartilhando ações para a pesquisa, a qualificação profissional e a valorização de estratégias inclusivas* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-PMUS/MAST, 2020. p. 72-101.

Data de recebimento: 13.09.2022

Data de aceite: 17.10.2022